

carlos val

instituto de arte contemporânea

GALERIA IBEU

INSTITUTO BRASIL-ESTADOS UNIDOS

RUA SENADOR VERGUEIRO, 103

instituto de arte contemporânea

carlos val

nasceu em viçosa, estado de minas gerais, em 1937. desenha desde criança, tendo começado a estudar pintura com ivan serpa aos 9 anos de idade; tomou parte nas exposições infantis realizadas por este pintor em juiz de fora, rezende, são luís do maranhão e em várias cidades da França. obteve menção honrosa no salão municipal de belas artes em 1950.

esta exposição é, a meu juízo, importante sob todos os aspectos. de início pelo que os trabalhos de carlos val contêm de beleza e expressão criadora. depois, porque toda vez que a obra de arte autêntica irrompe da obscuridade, além do que nos dá de alegria profunda e real, ela traz a força de desfazer os equívocos e de nos mostrar a verdadeira altura de seu reino. com respeito à pintura de val, acrescenta-se ao fenômeno uma particularidade que é oportuno assinalar: a idade do pintor. seria irrisório tentar apresentá-lo aqui como um "menino prodígio", pelo fato de ter ele apenas quinze anos. no entanto, é tendência geral classificar assim toda criança em quem as manifestações artísticas se façam de modo vigoroso. isso é um erro, e a origem desse erro está em que se fez tradicional um conceito de arte como sendo sempre, e irrevogavelmente, um produto da cultura. tal afirmação só é exata quando se compreenda "cultura" além das conveniências burguesas e dos preconceitos "culturais" da civilização. restringindo o problema ao campo das artes plásticas, temos o seguinte: convencionou-se chamar pintura uma atividade que emprega os mesmos processos e soluções de técnica, já utilizados pelos mestres do passado — próximo ou distante. daí a crença ingênua de que o que alguém faça nesse terreno, na ignorância dessa "cultura", ou não vale nada ou é obra de gênio! e, por outro lado, essa visão errada conduz a um academismo que rejeita as obras filhas das novas técnicas e dos novos materiais; esse é o caso dos críticos que hoje, em nome dum passado que foi por si revolucionário, reagem contra as tendências "concretistas" e aconselham o regresso à figura

r. h. wilenski, ("English Painting"), observa: "aqueles **standards** tomados do passado não nos ajudarão a compreender a arte que está viva, mas somente a sobrestimar os vários espíritos da produção contemporânea que já nascerão mortos". se não se entende arte, sobretudo, como uma atividade expressiva orgânica do ser humano, não será possível compreendê-la, creio, em toda a sua extensão e na multiplicidade de seus aspectos. de outro modo, estaremos sempre sujeitos a enganos lamentáveis, e principalmente diante das manifestações mais puras dessa atividade.

*

a pintura de carlos val, no estado de expressão em que se acha, não pode ser classificada como "infantil". a pintura infantil é um complexo resultante de uma percepção "anárquica" da realidade, uma super-abundância de energia vital e a inabilidade manual. em val esse fatores não existem mais. ao mundo metamórfico infantil, substitui-se um mundo de objetos súbitamente definidos e, por essa razão mesma, absurdos. tal absurdidade de forma — a que bichos, coisas e pessoas se resumem a seus olhos — é o conteúdo essencial de sua expressão. se se reparar que a "inabilidade manual" na criança está intimamente ligada à desordem de sua percepção, e que uma e outra (expressão e percepção) evoluem, num mesmo movimento para se organizarem, então, logo se verá nos quadros de val, não a consequência de meras casualidades ou limitações técnicas, mas já o intuito de exprimir um conhecimento objetivo do mundo. nos trabalhos mais recentes as formas, antes aplacadas no fundo, começam a imergir dele, ganhando volume, por efeito

da modelagem tonal. (vd. "Pessoas"). simultâneo, surge o problema da integração dessas figuras, agora tridimensionais, no plano donde elas foram arrancadas. val começa a enfrentar os velhos obstáculos da linguagem plástica representativa. o fundo, aparecendo como elemento construtivo, aparece, ele mesmo, como problema. ele procura resolver os grandes espaços vazios, fazendo que a côr se irradie em zonas, mais doces, mais quentes, já pelas suas variantes tonais, já pela adoção das complementares (vd. "Pessoas e Animais"). sucede-se a essa fase, outra (vd. "Cristo", "Natureza morta n.º 1", "Encontro"), onde as figuras voltam a planificar-se, mas já agora mais plenas e melhor resolvidas na interdependência figura-fundo; as pinceladas livres, vigorosas, constróem nesses quadros um espaço plástico de grande tensão. essas observações estariam incompletas, se não se fizesse alusão à natureza essencialmente pictórica dos seus trabalhos; à poderosa violentação a que submete seus "motivos"; uma como que transubstanciação que trabalha as coisas desde o seu centro e as transforma em elementos duma realidade nova e fantástica, a que o qualificativo "pictórico" se refere sem esgotá-la. o mundo dessa pintura parece se erguer duma remota memória, das épocas primitivas e místicas, quando as coisas, os homens e os bichos casavam-se numa intimidade obscura e mágica.

ivan serpa, o empreendedor desta exposição, merece o nosso reconhecimento à dedicação de seu trabalho, conseguindo organizar à sua volta um grupo de jovens artistas, de que val faz parte, num exemplo de fidelidade às forças criadoras da expressão.

ferreira goular

pintura

- 1 — tarde
- 2 — encontro
- 3 — cristo
- 4 — boi
- 5 — teatro
- 6 — composição
- 7 — natureza morta n.º 1
- 8 — natureza morta n.º 2
- 9 — amizade
- 10 — pessoas
- 11 — interior
- 12 — interior
- 13 — pessoas e animais
- 14 — jovens
- 15 — homens e boi
- 16 — campo
- 17 — ~~casas~~ pessoas
- 18 — homem e bois
- 19 — aula
- 20 — rua

instituto de arte contemporânea